**BOM SAMARITANO: UM ESTRANHO CAMINHO**

“Às vezes deixa-me triste o facto de, apesar de estar dotada de tais motivações, a Igreja tem demorado tanto tempo a condenar energicamente a escravatura e várias formas de violência. Hoje, com o desenvolvimento da espiritualidade e da teologia, não temos desculpas. Todavia, ainda há aqueles que parecem sentir-se encorajados, ou pelo menos autorizados pela sua fé, a defender várias formas de nacionalismo fechado e violento, atitudes xenófobas, desprezo e até maus tratos àqueles que são diferentes. A fé, com o humanismo que inspira, deve manter vivo um sentido crítico perante estas tendências e ajudar a reagir rapidamente quando começam a insinuar-se. Para isso, é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos” – estas são as palavras finais do capítulo II, da encíclica do bispo de Roma, papa Francisco, “Todos Irmãos” e Irmãs, acrescento eu.

São as palavras finais de um capítulo onde conta a história que Jesus ensinou “O Bom Samaritano”. Não se limita a contar, mas a interpretar com a cultura e a teologia do hoje. Recordando a pergunta de Deus a Abel “Onde está o teu irmão” (Génesis 4,9), e a resposta indiferente que Caim deu “Sou, porventura, guarda do meu irmão?”, recorda que na tradição judaica “próximo” (porque a parábola contada, foi derivada, da pergunta “quem é o meu próximo?”) significava o vizinho, o compatriota, o que vive “dentro das fronteiras” da terra de Israel, abandonando todos os outros, como se eles não fossem filhos e filhas de Deus. Mas aqui na parábola do “Bom Samaritano” o que se passa é que foi encontrado um homem ferido, por vários protagonistas: os salteadores, cujo facto estava consumado, e, por isso, naquela hora não era de chamar a polícia, mas de tratar do próximo; aqueles que passam ao lado (“Não te metas nisso!”), são os indiferentes, os que ficam de fora, na parábola um sacerdote e um levita, e “há muitas maneiras de passar ao largo: uma é ensimesmar-se, desinteressar-se dos outros…outra seria olhar só para fora”. Foram pessoas religiosas que o fizeram, mas poderiam não o ser, mas foram.

 Eis que aparece um “próximo” – que não o seria naquela cultura -, um habitante de Samaria. O samaritano não era obrigado a prestar auxílio, até ficaria mal perante os seus concidadãos – os seus “próximos” -, porque Samaria, segundo os judeus, tinha “ritos pagãos”, e por isso “impuros, detestáveis, perigosos”. Mas foi esse inimigo que o tratou e cuidou dele, numa atitude de reconciliação. Embora pagão – para os judeus -, sabia que “Todos temos uma responsabilidade pelo ferido que é o nosso povo e todos os povos da Terra. Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano”. Lembra, também, o exemplo de Jesus, que foi a Samaria, sendo Judeu, e a uma mulher, ao meio-dia, (sabemos que se não se podia falar com os pagãos samaritanos, então com uma mulher, à luz do dia – meio -dia -, muito menos), e lhe pediu água, oferecendo-lhe a Água da Vida.

Tudo isto é um estranho caminho que permite revisitar o nosso tempo, onde a indiferença, os compromissos religiosos, os poderes económicos, culturais e sociais, o poder dos muros e das fronteiras e dos exércitos para defender as fronteiras, a intolerância, a não compreensão do outro, só porque pensa diferente, são o fim de vida de cada ser humano. Por isso, não damos conta dos feridos, das fragilidades e com poderes oferecidos por quem quer o “melhor para si”, leva-nos ao não compromisso. É o sucesso de uns obtido pelo insucesso de outros. Os poderes – antítese do serviço -, económicos, sociais, que destroem a cultura dos povos e o seu Bem-Viver.

Hans Küng, no seu livro “Projeto para Uma Ética Mundial” (1990), chamava a atenção para que a guerra entre os povos, era afinal uma guerra entre religiões. Aqui temos o exemplo do que fez o pagão samaritano ao puro judeu. Não é uma lição, mas um facto concreto, não quis saber da guerra e acudiu ao ferido. Assim se constrói a Paz e a Justiça e a Integridade da Criação.

Há muitas formas de nós cristãs e cristãos dizermos que não é connosco, mas com os outros que fizeram os “assaltos” e os policiais de giro. Há muitas maneiras de passarmos ao largo, como se não víssemos os outros a sofrer. E são tantas e tantos, é o cosmos, a Terra e todos os marginalizados, todos aqueles e aquelas que descartamos por algum motivo, e até temos muito boas razões…

Este capítulo da encíclica não pode ser mais uma reflexão para nós, mas uma prática constante de descobrirmos os nossos próximos, na Igreja ou nas nossas Terras.

**Joaquim Armindo**

**Pós-doutorando em Teologia**

**Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental**

**Diácono – Porto \_ Portugal**